

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Memória Viva AmBev (AMBEV)

A importância da história empresarial

História de [Carla Marisa Cunha Coelho](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 29/06/2004

P/1- Carla boa tarde obrigada por você esta dando o seu depoimento. Eu gostaria que você começasse falando o seu nome, data e local de nascimento.

R- Meu nome é Carla Coelho. Eu tenho 30 anos de idade, nasci em Angola minha nacionalidade é portuguesa, mas eu fui criada no Brasil, no Rio e aí eu moro há oito anos em São Paulo.

P/1- Como que foi isso nascer em Angola, morar no Brasil?

R- Os meus pais são portugueses, eles moravam na mesma aldeia na Beira Alta perto da Serra da Estrela. Aí meu pai teve que prestar o serviço militar que obrigatório em Portugal e ele foi transferido para Angola que na época era uma colônia de Portugal. Ele se encantou com o país, adorou o país e acabou se estabelecendo lá. Ele já namorava com a minha mãe desde os 15 anos de idade, por carta, pediu ela em casamento, por procuração, aí ela falou “não eu vou até aí para gente casar mesmo”. Ela mudou para Angola, casou e eu nasci lá e eles só saíram de Angola quando começou a guerra civil pela independência. Aí o país ficou muito conturbado eles acabaram saindo de Angola e vieram morar no Brasil.

P/1- Porque o Brasil?

R- Porque minha mãe já tinha alguns irmãos que moravam aqui, porque é uma família portuguesa tradicional são 11 irmãos e aí como todo português migrante do interior, de uma aldeia eles se espalharam. Alguns por alguns países da Europa e outros vieram para o Brasil. E quando eles saíram de Angola, eles mudaram para Portugal e eles estavam pensando em se estabelecer em Portugal quando uma tia minha que já morava no Rio de Janeiro mandou um carta convidando eles para vir, dizendo que tinha trabalho, que a gente podia morar na casa dela e eles resolveram tentar a sorte aqui no país do futuro e aí vieram.

P/1- Qual a sua função na Ambev?

R- Eu sou gerente de comunicação corporativa. O que quer dizer isso? Eu cuido de duas áreas, cuido de toda a parte de relacionamento com a imprensa que a gente chama de comunicação externa e eu cuido também de marketing institucional que é a parte de responsabilidade corporativa, que inclui a imagem da Ambev o projeto de acervo, de recuperação da memória da empresa e preservação desta memória, projeto sócio-ambientais e projeto de consumo responsável.

P/1- Você esta há quantos anos na companhia?

R- Dez anos e meio.(riso)

P/1- E você entrou como, quando você entrou há dez anos atrás?

R- A minha entrada na empresa foi assim um pouco engraçada. Eu entrei como analista de comunicação interna trainee rale, rale eu estava me formando, estava no último ano da faculdade no Rio estava no último ano na UERJ Universidade Estadual do Rio de Janeiro e eu tinha uma amiga que eu gostava muito, o nome dela era Carla também, e alguém me disse na faculdade que ela estava concorrendo a uma vaga na Brahma na

época e que ela tinha sido escolhida. E eu fui toda feliz dar parabéns para ela e ela falou: “Não vou.” “Como você não vai? Três meses de dinâmica! Todo mundo louco por emprego, ninguém conseguia emprego.” Ela falou “eu não vou”, porque a empresa que ela estava trabalhando na época fez uma proposta que se ela ficasse até o final do ano ela ia ser efetivada aí ela falou: “Mas se você quiser eu te dou o telefone.” Aí eu levei o telefone comigo, isso era a noite, que eu estudava a noite, era sexta-feira. Ligar não custa nada, aí eu liguei na maior cara de pau, falei com quem seria o chefe dela, que foi o meu chefe, falei “olha você não me conhece, meu nome é Carla, amiga da Carla, aquela que te deu o bolo, mas eu tenho esta e essa experiência pa,pa,pa,pa... e eu queria só te contar isso”. Aí ele falou “legal, muito obrigado”, ele ficou meio assim, “mas são três meses de seleção, então faz o seguinte manda aí o seu currículo, você tem currículo?” Eu falei “tenho”, eu não tinha currículo nenhum, “cinco minutos tá aí.” Aí fiz um currículo e mandei. Isso era tipo meio-dia, quando eram três horas da tarde eles me ligaram, “dá para você esta aqui na Ambev, na época Brahma, as quatro?” Eu falei “dá”. Fiquei de quatro as sete três horas de entrevista, na segunda-feira eu voltei na quarta-feira eu comecei na empresa.(riso)

P/1- Quando você quis entrar para a Brahma. Você tinha uma expectativa do que era a Brahma já tinha uma relação, uma paixão ou foi..

R- Quando eu liguei pra ele, eu não sabia o que era, eu sabia que era uma empresa de bebidas, e tinha a imagem da Brahma como uma fábrica de bebidas porque onde os meus pais moravam bem próximo tinha uma fábrica da Brahma que chamava Hanseática, que hoje já não funciona mais. Eu na época de escola já tinha ido visitar a produção de refrigerantes, mas eu não sabia quem era a Brahma. Quando eu fui conversar com o Jorge que era o gerente de comunicação interna aí foram três horas de bate-papo maravilhoso ele começou a contar tudo que era a empresa, sabe quando o seu mundo abre, eu sai de lá e falei “eu nem preciso ser escolhida, eu já fiquei feliz de ter vindo aqui porque me deu uma visão do que é uma empresa.” Eu já tinha trabalhado em grandes empresas como estagiária, mas era completamente diferente, então aquilo me encantou. Quando eles me convidaram para ir trabalhar aí o encantamento virou uma paixão, virou um amor enfim, eu acho que é uma relação bastante emocional.

P/1- Nesses dez anos o que mais marcou você na empresa?

R- Acho que foram várias coisas, eu acho que foi a mudança da área de comunicação interna, de recursos humanos para comunicação externa. Eu lembro que eu tinha comentado com a menina que cuidava de comunicação externa que eu queria mudar de área, que eu queria ir para o marketing e eu não sabia que ela estava pensando em sair, daí a um mês ela passou na minha mesa, “olha eu to saindo, o Magim quer conversar com você” e cinco minutos depois o Magim estava na minha mesa e falou “vamos bater um papo”, eu sentei com ele meio assustada e ele falou “não porque a gente vai ter uma vaga e eu queria que você pensasse.” Ele me contou o que era a vaga e ele falou assim olha: “É uma coisa que eu quero que você se sinta a vontade para dizer se você quer ou se não quer porque você vai estar sob os holofotes pro bem e pro mal. Pensa se você quer isso depois você me dá a resposta.” Aí eu sai da mesa dele voltei para minha mesa meia hora essa minha antecessora passou lá e falou: “Eu vim aqui para gente fazer o plano de treinamento.” “Não, mas o Magim...” “Você já foi escolhida não tem o que pensar, não tem essa de você ficar pensando se você quer ou não quer.” Acho que isso foi um dos momentos, tem N outras situações que me marcaram projetos que deram certo, crises gerenciadas ou não gerenciadas.

P/1- Você participou já estava na empresa quando houve a fusão. Como foi isso para você participar deste momento? Na verdade ele é histórico é uma empresa que fez até agora parte da história do Brasil e mais uma vez ela teve uma grande participação. Como que foi?

R- Eu me considero uma privilegiada porque eu pude fazer não só parte desta história, como eu pude atuar nessa história até pela função que eu ocupava de comunicação externa. Eu soube da fusão dois dias antes dela ser anunciada, eu estava numa reunião num dos nossos fornecedores, nossos parceiros e um dos diretores me ligou e falou assim: “Onde você está?” “Eu estou em tal empresa.” “Não diga que sou eu, não diga nada.” Parecia uma coisa secreta. E todo mundo olhando para mim ele falou: “Quero você meio dia em tal lugar, se alguém perguntar quem ligou você diz que foi um amigo.” Aí eu desliguei no meio de uma reunião, todo mundo olhou para mim, “era um amigo”. Quando eu cheguei aonde eles tinham marcado tava já o Marcel, tava o Juan Vergara, e ele abriu a porta para mim, já com um sorriso, eu falei “o que aconteceu, me conta”, ele, “nada, o que você acha que aconteceu”, “você compraram a (Kilmes?)”, “não”, “você compraram uma cervejaria?”, “não, tá longe”. Aí ele me jogou um papel e tinha assim no título “Antártica e Brahma anunciam aliança, anunciam fusão”. Então eu sentei, “ahh”, então foram nove meses de trabalho que valeram muito mais do que qualquer MBA que eu pudesse fazer. Foram nove meses muito estressante, de muitas horas de trabalho, de muita pressão, mas muito compensadores também. Depois que terminou e eu olhei para trás de tudo que a gente fez, tudo que a gente discutiu, tudo que eu aprendi foi um momento único. Essa foi a maior fusão da história da iniciativa privada no Brasil e eu me sinto muito feliz de ter feito parte dela não como espectadora mas como um dos atores desta história.

P/1- Como é trabalhar na companhia?

R- É uma relação de amor ou ódio, mas eu acho isso bom. A Ambev é uma empresa muito honesta e muito transparente. Ela te fala claramente as coisas que as vezes em algumas outras empresas são veladas, isso num primeiro momento pode até te chocar. As pessoas falarem para você não confundir esforço com resultado, as vezes você está lá se esforça para caramba trabalha horas semanas e a companhia fala OK mas o resultado não veio e assim aqui é uma empresa de resultado de meritocracia. Mas eu acho que isso te prepara para o mundo para sua vida pessoal e profissional então você tem que realmente compartilhar dos valores da empresa não dá para ter uma relação morna com a Ambev. Por isso que muita gente fala que é uma empresa polêmica, eu acho que é uma empresa verdadeira, diferente que tem os seus pontos fracos, que tem as suas deficiências mas que tem assim um mundo de coisas boas então na hora que você coloca isso na balança abalança sempre tem que pesar a mais, tem que estar a favor porque se não você não consegue agüentar o ritmo. Olha é uma empresa que deixa você usar literalmente aquela história de você ser dono do seu negócio é verdade é uma empresa que prefere segurar as pessoas a ter que empurrá-las. Eu quando fui para área de comunicação externa algum pequeno deslize meu significava um grande matéria ruim no jornal, mesmo sem eu não ter nenhum histórico disso eles acreditaram, eles deixaram fazer eu errei algumas vezes eles me chamaram a gente conversou então você aprende. É uma empresa única, eu tenho

um relação emocional porque eu cresci junto com a empresa.

P/1- E as relações com as pessoas?

R- as pessoas fora da Ambev falam assim, mas lá é muito agressivo, mas como é o ambiente de trabalho. Eu diria para você que o hoje meus melhores amigos, meu melhor amigo não pode caber em mais de uma palma demais se não, não é melhor amigo são pessoas que ou trabalham aqui ou trabalharam aqui durante muitos anos. Eu fiz uma relação muito boa com as pessoas como em qualquer ambiente da sua vida, faculdade ambiente profissional pessoal você tem que saber lidar com as pessoas. Eu acho as pessoas aqui jovens de espírito, são pessoas abertas, são pessoas de mentes abertas, são pessoas que querem ousar. eu gosto do ambiente de trabalho eu me identifico muito com as pessoas que estão aqui dentro.

P/1- Carla, nesses anos todos você tem um fato que você lembre assim que te marcou? Algo engraçado que você tenha participado, que tenha acontecido com alguém?

R- Aconteceram tantas coisas. Logo que eu entrei nesta área, a área financeira na companhia era bem fechada para falar com a imprensa. Eu lembro que tinha um diretor financeiro, que já se aposentou, que era o Danilo Palmer e ele falava assim: "Nem adianta vir falar comigo que eu não vou fazer coletiva para falar de resultado financeiro, não vou." "Mas Danilo..." "Não isso não dá certo." Até o dia que eu cheguei para ele e falei assim "deixa eu quebrar a cara, vamos fazer assim, vamos tentar do meu jeito, se der certo à gente institui isso como regra, se não der, eu quebro a cara, nunca mais te encho o saco, nunca mais te procuro mais" e aí ele ri como quem diz, anos de experiência, "vamos fazer, não vai dar certo." Só que deu certo e ele teve que fazer isso durante muitos anos, aí quando ele foi substituído pelo novo diretor financeiro ele brincava comigo e falava assim: "Eu já tenho uma listinha negra aqui de tudo que eu não posso fazer." "Corta aquela listinha, joga fora, vamos começar uma nova com muitas histórias aqui dentro."

P/1- Você falou um pouco disso que é de amor e paixão aqui a relação. É uma empresa que proporciona às pessoas no trabalho garra e muita paixão?

R- é uma empresa que consegue te motivar de uma maneira única, é uma empresa que sempre te puxa para fazer mais. Eu acho que é uma empresa que te dá ensinamentos na tua vida profissional que você pode levar para a sua vida pessoal. Que é persistência e frustração, que é tá sempre ter uma insatisfação positiva "foi bacana, que bom vamos comemorar este resultado, mas vamos procurar fazer de uma maneira melhor", é uma empresa que não te deixa acomodar. eu acho que é um pouco por aí.

P/1- A sua área tem vários projetos entre eles o projeto do acervo. Gostaria que você falasse um pouquinho assim. Como que você vê este projeto?

R- A primeira vez que eu fui no Museu da Pessoa e que a gente começou a falar do acervo eu me senti um peixe fora da água eu fiquei olhando e falei "gente, mas que terminologias são essas, mas que nomes são esses, não estou entendendo nada". Aí o pessoal do acervo me mostrou uns sites alguns projetos que fizeram para outras empresas, eu olhava "mas como é que se concretiza?" Eu tinha uma visão muito prática, conforme o projeto foi avançando e você vai entendendo o que é a história da companhia e que não é só um monte de documento é muito mais que isso. Eu fico feliz de poder ver que a visão míope que eu tinha do que é um projeto de acervo, hoje é uma visão completamente diferente daquilo que eu tinha eu aprendi com a equipe do museu, com a equipe dos parceiros do consórcio que faz parte do projeto. Eu acho que você preservar e garantir o registro da história de uma empresa é fundamental, ela não é só para a história da empresa, ela é uma fonte de motivação para os funcionários. Você compreender que você faz parte daquela história, você entender de onde vieram aqueles produtos, você conseguir vislumbrar que lá na frente você vai fazer parte de um pedacinho daquela história é uma coisa muito boa. Porque é uma coisa que você pode lá no futuro você mostrar não só para a sua família para os seus filhos, sabe aquela coisa tipo "olha só, eu ajudei a construir isso, eu fiz parte disso, sabe a memória viva estava junto comigo eu ajudei a escolher o nome, as cores". Eu estou falando de uma experiência muito pessoal porque eu estou junto do projeto, mas eu fico impressionada vendo as pessoas olhando tudo isso e falando "poxa, que barato, dá para fazer um monte de coisa, quero trazer meu filho para ver isso." Eu não tinha essa visão, eu tinha uma visão quadrada, uma visão chata do que é uma história de uma empresa para fazer livro, mas é muito mais do que isso. Eu acho que as empresas que acordarem para isso vão ver que preservando a história, colocando funcionários dentro desta história, trazendo emoção, coração para esta história elas conseguem garantir o futuro desta empresa.

P/1- Dentre todos esses projetos qual é a importância dessa parte da história oral? Das pessoas estarem contando sua história junto com a história da companhia?

R- Primeiro é quebrar uma barreira de timidez. Eu saí atrás de todo mundo falando "você tem que ir lá, super simples, 15 minutos" e na hora eu entrei aqui eu falei "vai doer?" Porque é diferente quando você está na frente da câmera então é melhor fingir que não tem câmera. Eu acho que a memória oral que uma coisa que eu aprendi no projeto do acervo acho que é uma das coisas mais importantes da empresa, porque os documentos eles te mostram de uma maneira fria aquilo que aconteceu, o depoimento das pessoas te trazem o calor humano, a emoção. Todo mundo com quem eu conversei que saiu daqui ou se emocionou, é você sentar e aí quando você tem que responder estas perguntas que não são previamente combinadas, você começa a relembrar todas as coisas boas que já passaram e aí se você está num momento, se você está num momento que você está assim, se você está triste você começa a ver olha quanta coisa bacana eu já fiz. Ou se você não está enxergando o futuro você começa a ver "nossa, eu já fiz tantas coisas antes, olha por onde eu posso caminhar." Eu acho que é uma maneira de você guardar um pedacinho sabe o DNA de cada um e mostrar um pouco da emoção que está por trás da produção de uma cerveja ou de um refrigerante.

P/1- Tem alguma coisa que você gostaria de falar que nós não tocamos?

R- Não acho que a gente já falou tudo.

P/1- Alguma coisa que você queria deixar como se fosse uma mensagem?

R- Já que isso vai ficar registrado para os anais da história. Eu espero que este seja um projeto que só evolua, que só cresça porque é um projeto realmente que mexe no cerne da cultura de uma empresa, uma empresa que fala tanto de gente como seu diferencial de negócio tem que estar registrando esta gente, tem que estar registrando esta emoção, tem que estar registrando essa satisfação das pessoas para mostrar para as próximas gerações.

P/1- Carla eu te agradeço por você ter vindo, ter ficado um pouquinho com a gente muito obrigada.